

FILOSOFIA, MÚSICA E SOCIEDADE: ANÁLISE CRÍTICA A PARTIR DA BANDA RAGE AGAINST THE MACHINE

PHILOSOPHY, MUSIC, AND SOCIETY: A CRITICAL ANALYSIS BASED ON THE BAND RAGE AGAINST THE MACHINE

Tais Turaça Arantes¹
Thiago Silva Freitas Oliveira²

Data de recebimento do texto: 10/10/2025

Data de aceite: 05/11/2025

Resumo: Este artigo tem o objetivo de debater sobre um método de ensino-aprendizagem de Filosofia estabelecendo um diálogo entre a área em questão e a Música, tomando como referência a composição Killing In The Name da banda Rage Against The Machine; pensando também na tendência que esse diálogo tem de reforçar uma das características fundamentais da prática filosófica que considera a posição do indivíduo no mundo assim como suas interações com ele. De maneira análoga, a música, inserida num contexto histórico-filosófico e linguístico, desempenhou e continua a desempenhar um papel de exteriorização, quando não materialização, das percepções do indivíduo em suas visões de mundo. O objetivo geral deste texto é trabalhar o racismo no Brasil dentro da sala de aula, buscando proporcionar uma forma de combate a ele através da música e da filosofia.

Palavras-chave: Racismo. Ensino. Filosofia. Música.

Abstract: This paper aims to discuss a method of teaching-learning Philosophy by establishing a dialogue between this area and the Music, taking as reference the composition Killing In The Name by the band Rage Against The Machine; also thinking about the tendency that this dialogue has to reinforce one of the fundamental characteristics of philosophical practice that considers the individual's position in the world as well as their interactions with it. Similarly, music, inserted in a historical-philosophical and linguistic context, has played and continues to play a role of externalization, if not materialization, of the individual's perceptions in their world views. The general objective of this text is to work on racism in Brazil within the classroom, seeking to provide a way to combat it through music and philosophy.

Keywords: Racism. Teaching. Philosophy. Music.

¹ Doutora em Psicologia Social (UERJ) e Doutora em Ciência da Literatura (UFRJ). Professora efetiva da rede pública do município do Rio de Janeiro – RJ. E-mail: taistania@gmail.com.

² Doutorado em Filosofia (UNICAMP). Professor efetivo da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: thiago.oliveira@unirio.br

1 Introdução

Este artigo tem o objetivo de debater sobre um método de ensino-aprendizagem de Filosofia a partir de Renato Velloso (2015), estabelecendo um diálogo entre essa área e a Música e tomando como referência a faixa musical *Killing In The Name* da banda Rage Against the Machine; assim como pensando na tendência que esse diálogo tem de reforçar uma das características fundamentais da prática filosófica que considera a posição do indivíduo no mundo assim como suas interações com ele.

Sobre a posição do indivíduo no mundo, Para Chagas (2012) existe espaço para a discussão do indivíduo dentro da teoria de Marx. Ele nos explica que o indivíduo é o ser humano em sua singularidade, e essa singularidade, na sociedade capitalista, é fundamentada em quatro pressupostos básicos: “estes quatro pressupostos são os seguintes: 1. O indivíduo, enquanto ente singular, é um indivíduo natural (corpóreo, concreto, sensível), natural consciente, como elemento da natureza; 2. O indivíduo humano é histórico, resultado do desenvolvimento histórico, portanto não é uma substância perene, eterna, a-histórico, como um pressuposto dado naturalmente, o que seria limitado e unilateral; 3. O indivíduo humano é social (um produto social), como parte da sociedade; não é, então, um indivíduo a priori, antes da sociedade, isolado, atomístico, como uma mônada, fora da sociedade, pois a concepção de indivíduos autônomos, independentes, autossuficientes, são “robinsonadas”, que ocultam as relações sociais, que explicam os próprios indivíduos, e 4. O indivíduo humano é um indivíduo ativo, dinâmico, que se autoforma; criação de si mesmo, não dado imediatamente pela natureza, nem criado por forças externas ao indivíduo, míticas e sobrenaturais; o indivíduo humano é autocriação, autoconstituição de si, pelo trabalho” (Chagas, 2012, p. 2).

Como exposto, o *corpus* deste texto é uma música, por isso compreende-se a necessidade de se aprofundar em uma explicação em relação a esse tipo de objeto. Começa-se pelo entendimento de que o ser humano vive cercado por sons e ruídos, e às vezes estes barulhos estão tão profundamente integrados à nossa rotina que mal os notamos conscientemente. Apesar disso, eles surgem tanto em experiências individuais como coletivas compondo uma trilha sonora da vida humana. Por nos possibilitar realizar uma ampla gama de atividades sem exigir uma atenção total do ouvinte, a música, com seus diversos modos e gêneros de sons e ritmos, se mantém constantemente presente em nosso cotidiano, muitas vezes quase que de maneira imperceptível. Essa presença da música no dia

a dia se amplificou muito nas últimas décadas, talvez por isso, levando o ouvinte a limitar sua percepção a determinados estilos e gêneros musicais, ao mesmo tempo em que adentra angústias, mudanças e perturbações evidentes (Moraes, 2000).

Logo, quando a música passa a estar inserida em um ambiente ou cenário específicos em que determinadas ideias, conceitos ou teorias filosóficas e linguísticas se desenvolvem, ela passa a ser influenciada por essas condições. Nesse contexto, a parte linguística está presente na música através de suas letras e, por meio disso, pode-se passar alguma mensagem para o ouvinte interpretar.

Por isso que este estudo se baseia em uma abordagem interdisciplinar que busca estabelecer um diálogo entre a Filosofia e a Música, considerando a obra de Renato Velloso (2015) como fundamento teórico para a análise. A metodologia adotada envolve uma análise hermenêutica e interpretativa da faixa musical *Killing in the Name*, utilizando uma lente filosófica para compreender como a música reflete e dialoga com questões relacionadas à posição do indivíduo no mundo e suas interações.

Para isso, empregamos uma abordagem contextual que reconhece a música como um elemento cultural e socialmente influente. Partimos do entendimento de que a música não existe isoladamente, mas está imersa em contextos específicos, refletindo e sendo influenciada por ideias, conceitos e teorias filosóficas e linguísticas presentes no ambiente em que é criada.

Sobre a música, de maneira análoga, ela está inserida num contexto histórico-filosófico e linguístico (isto quer dizer que é o ambiente ou cenário específico em que determinadas ideias, conceitos ou teorias filosóficas e linguísticas se desenvolvem e como são compreendidas); e ela, a música, é influenciada pelas condições históricas e culturais de sua época, bem como reflete e expressa visões de mundo a partir de conceitos filosóficos e, por fim, a linguagem, parte linguística, é uma importante parte da música, pois as letras podem ajudar a passar alguma mensagem. Então, a música desempenhou e continua a desempenhar um papel de exteriorização, quando não materialização, das percepções do indivíduo em suas visões de mundo.

Agora, focando especificamente sobre a música, tem-se a contínua presença com manifestações nem sempre percebidas, pois “a música, a forma artística que trabalha com os sons e ritmos nos seus diversos modos e gêneros, geralmente permite realizar as mais variadas atividades sem exigir atenção centrada do receptor, apresentando-se no nosso

cotidiano de modo permanente, às vezes de maneira quase imperceptível” (Moraes, 2000, p. 204).

Nesse sentido, é possível rememorar que a música remete à poesia e essa aos antigos gregos³. Dessa conexão emergem, como expressão humana, tanto a musicalidade poética dos antigos bardos quanto a preservação da memória, por intermédio de Mnemosine, evocando, consequentemente, o valor do mito. Logo, conclui-se que a música é capaz de falar sobre o indivíduo, para ele e a partir dele.

Essa concepção encontra eco na análise de Rosane Biesdorf e Marli Wandscheer (2011), onde se compreende que toda forma de representação artística acontece em algum ambiente em que o ser humano se expressa através de suas produções; dessa forma, a arte também é produzida por uma necessidade de expressão. Biesdorf e Wandscheer (2011) também argumentam que quando olhamos para as civilizações antigas e realizamos investigações sobre elas baseadas na análise de registros históricos descobertos, compreendemos que essas civilizações empregavam a arte em uma ampla gama de atividades. Ao longo dos tempos mais remotos, a expressão artística tem sido uma das maneiras mais ricas pelas quais os seres humanos se comunicam e representam suas relações sociais.

Partindo desses aspectos, considera-se essencial estimular o aluno a compreender que o conhecimento não emerge tão somente das atividades classificadas como acadêmicas, estritamente intelectualizadas. Defendemos aqui um ensino que o torne capaz de perceber a importância de elementos como a imaginação, a criatividade e as artes na construção de saberes agregando valores críticos e autonomia aos sujeitos envolvidos no processo educativo. Compreende-se que o professor não deve ficar preso a um modelo de ensino engessado, tradicionalista-conteudista, pois este caminho certamente pode atrapalhar o processo de aprendizagem ao ignorar as inúmeras possibilidades ligadas a outras atividades tipicamente humanas.

³ Um ponto sobre esse debate: colocamos que a música remete à poesia a partir de um entendimento de que o termo Lírica Grega, na cultura grega designava a poesia cantada com o acompanhamento de algum instrumento musical, que seria a líra ou algum outro de corda (ANTUNES, 2009). Dessa forma, também entendemos que o ocidente reduziu a produção filosófica e cultural clássica à antiguidade grega, visto que temos referências riquíssimas em outros continentes e países. Um exemplo é o estudo “A Proposed Mesopotamian Origin for the Ancient Musical and Musico-Cosmological Systems of the West and China” da autora Sara Rose, de 2021. Neste estudo, nos é apresentado que fortes evidências de que a Grécia antiga, muitas vezes considerada o berço da civilização ocidental, herdou seu sistema musical da Mesopotâmia (ROSE, 2021).

Nesse sentido, Feitosa (2009, p. 7-8) nos diz que a relação entre arte e Filosofia permite conferir novos ares a temas complexos que compõem o ser humano como, por exemplo, “o sentido da realidade, o lugar da ciência na sociedade, as interpretações do corpo e da natureza, a relação entre arte e verdade, transitoriedade do amor e a inevitabilidade da morte”.

Portanto, entende-se a Filosofia como prática tal qual os antigos, logo, assumindo um papel fundamental para o desenvolvimento da ciência, na compreensão da realidade e, em acréscimo a isso, na transformação da realidade⁴ - seja no sentido de fazer ciência, seja no sentido de tomar ciência. Assim, observa-se a atividade filosófica estimulando e sendo estimulada das mais variadas formas. E é com essa percepção que este artigo foi pensado a partir da música *Killing In The Name* da banda Rage Against the Machine.

2 Método de ensino – aprendizagem

Começamos este tópico apoiados em Ghedin (2009), que nos explica que a Filosofia e o filosofar estão sempre com os dedos entrelaçados, visto que quando nos propomos a praticar a Filosofia por meio de algum método de ensino-aprendizagem, também estamos filosofando. Aqui, então, temos três pontos a serem delimitados e discutidos: a) Filosofia; b) Filosofar; c) Método de ensino-aprendizagem.

No que tange ao primeiro, podemos começar com as palavras de Prado Jr. (1981, p. 6) ao nos dizer que “A Filosofia seria isso mesmo: uma especulação infinita e desregrada em torno de qualquer assunto ou questão, ao sabor de cada autor, de suas preferências e mesmo de seus humores”. O referido autor ainda completa o seu pensamento com a explicação de que há uma divergência dentro desta área de pesquisa/conhecimento em que a Filosofia não deve propor resposta, mas sim propor questões.

De acordo com Hassan (s/a), a filosofia engloba dois significados distintos: o primeiro refere-se ao conjunto de pontos de vista ou crenças sobre a vida e o universo, frequentemente adotados acriticamente. Esse entendimento informal é denominado "ter" uma filosofia. Geralmente, quando alguém diz "minha filosofia é...", está se referindo a uma atitude pessoal informal em relação a qualquer assunto em discussão. O segundo significado da filosofia é

⁴ Entendemos essa atividade filosófica tem como Marx na famosa *Tese 11*: “Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo” (MARX, 2007, p. 535).

o processo de reflexão e crítica sobre nossas concepções mais profundas e crenças. Esse é o sentido formal de "fazer" filosofia. Essas duas dimensões da filosofia, "ter" e "fazer", não podem ser completamente independentes uma da outra, pois se não tivéssemos uma filosofia no sentido pessoal e informal, não poderíamos realizar a filosofia no sentido crítico e reflexivo. Em outras palavras, o ato de refletir e questionar nossas próprias crenças é fundamental para desenvolver e aprimorar nossa perspectiva filosófica pessoal⁵.

Aqui entramos em outro ponto: o dilema com as definições de filosofia. De acordo com Palácios (2007) este dilema reside na sua tendência dessas definições serem excessivamente abrangentes, incluindo tudo, ou demasiado restritas, excluindo mais do que seria adequado. Na verdade, não há razões para limitar a filosofia por meio de suas diversas áreas de estudo, privilegiando algumas em detrimento de outras, ou por seus variados métodos, ou qualquer outra característica que se possa considerar autenticamente filosófica. Sempre haverá algo que ficará de fora. O referido autor ainda nos traz uma reflexão pessoal em seu texto em que explica que após ponderar sobre esse tema, aproximadamente uma década atrás, chegou à conclusão de que a filosofia é indefinível. É indefinível, entre outras razões, porque é uma prática, uma atividade particular por natureza.

Por isso compreende-se que dentro da sala de aula, enquanto professores, não devemos limitar o pensamento de nossos discentes, em outras palavras, para além de definições fechadas sobre o que é filosofia, seria interessante abrir a discussão para se verificar o que os próprios alunos pensam sobre essa questão. Ao contrário de uma sala de aula fechada para o mundo e para o pensamento, a ideia é defender uma sala de aula enquanto espaço filosófico, onde todos participam livremente na criação e ou desconstrução das ideias sobre si e sobre o mundo em que esses discentes estão inseridos.

Neste sentido, compreendemos a importância de filosofar dentro da sala de aula e até fora dela, visto que a vida dos alunos não é a apenas o momento em que eles estão cercados pelos muros da escola. Nesse sentido, a aula de filosofia se estenderia para além de seu tempo curricular, permitindo sua permanência enquanto uma prática viva mesmo fora da sala de aula. Há de se tentar fazer uma prática docente em que os alunos consigam levar o que aprenderam para fora da escola. Por isso trazemos para a discussão Josef Pieper (2007), que no primeiro capítulo do seu livro *O que é Filosofar?* nos diz que a questão “O que é filosofar?” é eminentemente filosófica, uma vez que, quando abordamos essa questão,

⁵ Disponível em: <https://lms.su.edu.pk/lesson/1035/week-2-what-philosophy-is-why-it-is-worth-studying>. Acesso em 24 de julho de 2023.

imergimos no campo da filosofia e suas indagações. Nesse contexto, torna-se fundamental reconhecer que não é possível discorrer sobre a essência da filosofia e do ato de filosofar sem abordar a essência do ser humano e sua existência concreta. Ao fazer isso, estamos automaticamente adentrando em um domínio central da filosofia. Cupani (s/a) também corrobora com esse pensamento quando escreve que “filosofar quer dizer refletir sobre questões fundamentais da vida humana porque quem o faz sente que precisa de uma resposta a essas questões para viver melhor”⁶. Filosofar, seria uma atividade intelectual e reflexiva que não só busca compreender o mundo, mas também que ajuda a compreendê-lo, visto que neste mundo existem várias pessoas e que cada um é diferente dependendo do seu local de existência e fala, em outras palavras, filosofar ajuda a entender a existência humana e a natureza da realidade de cada indivíduo.

Volta-se, então, para a frase já mencionada anteriormente que entende-se a filosofia como prática⁷, porque nela está envolvida esse processo ativo e contínuo de reflexão, questionamento, investigação e transformação da nossa existência humana e do mundo em que estamos inseridos. Como seres humanos estamos em constante dúvida sobre qual caminho seguir e sobre o que fazer em determinadas situações. Esses dilemas acontecem em todas as fases de nossas vidas, logo, o professor não pode perder de vista que o seu aluno também possui as suas dúvidas e questionamentos e que é um ser em formação também, pois parece clichê escrever em um texto acadêmico “ninguém nasce sabendo”, mas é isso que acontece, muitas vezes, na sala de aula. A escola é o local que pode fornecer para os alunos um novo horizonte sobre a própria sociedade em que ele está inserido, e o nosso principal objetivo aqui é apresentar uma proposta que trabalhe com música a nossa formação histórico-crítica.

Por isso que agora nos voltamos um pouco para discutir o que seria o método de ensino-aprendizagem e que método seria este para a filosofia. Tomamos como referência inicial Sílvia Maria Manfredi (1993), que em seu texto *Metodologia do ensino - diferentes*

⁶Disponível em:

<https://lefis.ufsc.br/o-que-e-filosofia/#:~:text=A%20palavra%20Filosofia%20%C3%A9%20de,essas%20quest%C3%B5es%20para%20viver%20melhor>. Acesso em 24 de julho de 2023.

⁷ Pode-se aproximar essa noção da *filosofia da práxis* em Marx, e por “práxis” “...refere-se, em geral, a ação, a atividade, e, no sentido que lhe atribui Marx, à atividade livre, universal, criativa e auto criativa, por meio da qual o homem cria (faz, produz), e transforma (conforma) seu mundo humano e histórico e a si mesmo; atividade específica ao homem, que o torna basicamente diferente de todos os outros seres. Nesse sentido, o homem pode ser considerado um ser da práxis, entendida a expressão como o conceito central do marxismo, e este como a “filosofia” (ou melhor, o “pensamento”) da “práxis” (BOTTOMORE, 2012, p. 460).

concepções nos faz atentar, de modo artificioso, para a própria etimologia da palavra metodologia, que nasce da palavra *methodos*, em que META é o objetivo, finalidade, HODOS o caminho e intermediação, em suma, o caminho que percorremos para atingir a um determinado objetivo. E, completando, LOGIA, que em grego significa, dentre inúmeras coisas, “estudo”, “discurso racional”. Para além desta definição etimológica a autora faz outra reflexão, que nos interessa profundamente para o desenvolvimento dos próximos passos deste texto, da palavra metodologia agregada à palavra ensino. Isto é, a autora nos aponta, em um primeiro momento, que a metodologia do ensino seria, de forma simples e generalizada, as várias formas traçadas/planejadas e vividas pelos docentes para orientar o processo de ensino aprendizagem de seus discentes.

Contudo, Sílvia Maria nos atenta que não podemos nos apegar a esta definição, pois isto pode nos gerar problemas dentro da própria educação, uma vez que dentro desta definição simplista “cabe a prática de qualquer educador, seja ele conservador, fascista, humanista, progressista, servindo, enfim, para todos, como se todas as concepções e práticas metodológicas fossem semelhantes e pouco importasse diferenciá-las” (Manfredi, 1993, p. 1).

Aqui começa-se a depreender, a partir das palavras de Silvia Manfredi, que a concepção de metodologia do ensino, assim como outro conhecimento, se molda pelo contexto histórico em que se desenvolve. Não podemos ficar presos a ideia de que existe apenas um conceito geral, universalmente válido e que ao mesmo tempo se desvincula da história e da concretude das relações sociais, o que temos são múltiplas concepções que se edificam, de forma diacrônica, em diferentes perspectivas.

Na concepção tradicional de educação, compreende-se que a metodologia de ensino é um conjunto de procedimentos dentro de um padrão que possui como principal objetivo transmitir conhecimentos amplamente válidos e sistematizados (Manfredi, 1993).

Para corroborar com Manfredi, evoca-se Renato Velloso (2015) que em seu livro *Lecionando filosofia para adolescentes: práticas pedagógicas para o Ensino Médio*, nos diz que precisamos levar em conta com quem estamos lidando dentro da sala de aula, isto quer dizer, que cabe ao professor a necessidade de entender que são adolescentes, geralmente entre uma faixa etária de 14 e 18 anos. Desta forma o professor desta fase não deve apenas ficar preso ao pensamento de que só importa o conteúdo filosófico em si, mas também a prática que será o melhor caminho para a compreensão do público deste conteúdo. Saber

escolher o método é algo importante que fará a diferença no aprendizado do aluno (Velloso, 2015).

Velloso (2015, p. 42) também nos mostra que existem, basicamente, quatro caminhos (ou métodos) que o professor do Ensino Médio pode seguir no ensino de filosofia: “1) por meio da História da Filosofia; 2) por meio das áreas da Filosofia; 3) por meio dos filósofos e suas obras; 4) por meio dos Temas ou Questões filosóficas”. Segundo o referido autor, todos estes caminhos citados apresentam a filosofia como objeto de estudo, o que muda é o caminho escolhido pelo professor.

Jonathan Fachini (2021) também concorda com Velloso quando este diz que a experiência docente aponta para o entendimento de que não existe um único modelo de ensino de Filosofia e que não há como dizer qual método é mais eficaz; o mais importante é abranger o pensamento de que todos esses caminhos apresentados podem levar os estudantes do ensino médio a alcançar seu objetivo de compreender a disciplina e fazer um uso filosófico da sala de aula. Independentemente da abordagem escolhida, o mais importante é saber que ela deve incluir um panorama sistemático do pensamento ou dos pensadores relevantes, de maneira a instrumentalizar esse pensamento ou esses pensadores para um ensino filosófico emancipador. Além disso, contextualizar os temas ou questões filosóficas torna-as mais inteligíveis para os alunos.

Então, partimos agora para a nossa definição do *corpus* e sua justificativa para uma metodologia de ensino-aprendizagem dentro da disciplina de filosofia.

3 Definição do Corpus e Justificativa

A música escolhida para análise e criação da proposta didática é a *Killing In The Name*, da banda norte-americana Rage Against the Machine. A banda se formou em Los Angeles, em 1991. O grupo se apresentou no estilo emergente de música chamado rap-metal. Em 1992, eles gravaram a canção *Killing in the name* (presente no álbum autointitulado Rage Against the Machine, 1992, faixa 2) em que a letra dava a entender que alguns policiais eram ex-integrantes da Ku Klux Klan e racistas: “alguns daqueles que trabalham nas forças, são os mesmos que queimam cruzes” (no original “some of those that were forces, are the same that burned crosses”) (Giancola Jr, 2009).

Neste sentido, justifica-se a escolha da música, pois, mesmo que seja uma composição de músicos que não são brasileiros, trata-se de uma letra que fala de um problema real do

Brasil: a morte de pessoas negras de forma desumana. Tatiana Merlino, jornalista de direitos humanos, em seu texto “Um estado que mata pretos, pobres e periféricos” nos apresenta a informação de que “a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil. Grande parte destas mortes são provocadas por agentes do Estado, representados pela Polícia Militar” (Merlino, 2018, p.1). Não se pode esquecer a morte de Genivaldo de Jesus Santos⁸, em 25 de maio, durante abordagem da PRF. Em que foi utilizado o emprego de asfixia sem possibilidade de defesa. Os policiais improvisaram uma câmara de gás e o prenderam dentro de uma viatura. Assim como também não se pode esquecer que um homem negro foi espancado até a morte em um supermercado em 2020⁹. Estes são apenas dois exemplos dentre os inúmeros casos que acontecem no Brasil cotidianamente. Ao contrário do que aconteceu quando George Floyd foi assassinado nos Estados Unidos, que houve uma movimentação da população para o movimento Black Lives Matter¹⁰, no Brasil não houve um movimento forte de manifestação contra a morte de Genivaldo de Jesus Santos¹¹.

O Brasil é um país com uma longa história de racismo que está entranhada dentro de si desde a sua invasão e todo genocídio praticado tanto com os povos ameríndios e originários que aqui se encontravam quanto com os escravizados que foram sequestrados do continente africano. No livro *O pacto da branquitude*, Cida Bento (2015) nos relembra fatos históricos para a formação do Brasil de hoje. Dois são muito importantes: a Lei do Ventre Livre, que previa indenização a escravocratas; e o decreto de migração de 1890, que dizia que a imigração não poderia ser nem da Ásia e nem da África. A citação abaixo nos apresenta mais argumentos sobre a formação do Brasil:

A história dos quilombos, assim como a de muitos importantes levantes ou revoltas que ocorreram antes da abolição, forçando o fim da escravidão, é omitida na historiografia oficial. Isso pode ter ocorrido para não ferir a imagem de país da suposta democracia racial ou, ainda, para não reconhecer o protagonismo da população negra na história nacional (Bento, 2022, p. 21).

⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2023/05/25/caso-genivaldo-julgamento-de-policiais-rodoviaros-federais-ainda-nao-tem-data-para-acontecer.ghtml>. Acesso em 24 de julho de 2023.

⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/11/20/homem-negro-e-espancado-ate-a-morte-em-supermercado-do-grupo-carrefour-em-porto-alegre.ghtml>. Acesso em 24 de julho de 2023.

¹⁰ Mesmo que esse apoio tenha caído após a morte de Floyd, ele ainda possui um apoio considerável por parte da população. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/internacional/apoio-ao-black-lives-matter-caiu-3-anos-apos-morte-de-george-floyd/>. Acesso em 24 de julho de 2023.

¹¹ O que se quer dizer aqui é: aconteceram manifestações pequenas contra a morte de Genivaldo, mas não houve uma comoção a nível nacional por parte dos brasileiros. Neste link pode-se ver uma reportagem sobre uma manifestação: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/05/27/manifestantes-protestam-em-frente-a-sede-da-prf-em-sao-paulo-apos-a-morte-de-genivaldo-durante-abordagem-em-sergipe.ghtml>. Acesso em 15 de agosto de 2023.

Ao deixarmos de reconhecer as mazelas do período da escravidão em nossa história, bem como a participação da população negra na história do Brasil, a narrativa que ainda é trabalhada dentro das escolas¹² perpetua estereótipos e preconceitos que podem minar a autoestima e a identidade dos descendentes dos povos originários e africanos. Além disso, a falta de conhecimento sobre essas lutas e levantes históricos priva a sociedade de aprender com essas experiências e compreender melhor a complexidade do passado do país, visando transformações futuras.

Também nos deparamos com outro aspecto de nossa formação: a de que há uma identificação de uma parcela da sociedade com os grupos dominantes.

Com base no racismo, grupos são escolhidos para morrer a partir de um discurso do Estado que os define como ameaça, justificando o seu extermínio para assegurar a ordem e a segurança. Trata-se de um fenômeno político nacionalista e “patriótico”, fazendo um apelo aos chamados valores tradicionais. É principalmente na extrema direita, mas não só, que esses posicionamentos sobre ordem, segurança e defesa da pátria atraem setores de segurança, desde as forças armadas e policiais até as milícias e a bancada da bala. Um nacionalismo antidemocrático que tem como base o supremacismo branco e o conservadorismo social e religioso (Bento, 2022, p. 29).

Cida Bento (2022) em seu livro nos traz reflexões sobre a política racista em nosso país. A citação apresenta a situação de que alguns grupos são escolhidos para morrer sob a justificativa de assegurar a ordem e a segurança do Estado. A citação também aborda sobre o problema da extrema direita pregar essa ideia de que um grupo sempre é o culpado pelos problemas de segurança, contudo, Bento também deixa claro que isso não está restrito somente a esse espectro político. Esse tipo de processo (extermínio de pessoas pobres, negras e periféricas) é alimentado por um discurso nacionalista e patriótico que tem a sua base em supostos valores tradicionais.

Um ponto enfatizado por Cida Bento é que essas falas e pseudo argumentos sobre ordem, segurança e defesa da pátria encontram uma força de existência em setores que não

¹² Entendemos que estamos passando por um período de mudanças na forma em que tratamos alguns conteúdos dentro da escola, mas ainda não é o suficiente. Até em outros lugares, para além dos muros da escola ainda temos muita dificuldade de ver como a nossa história é retratada, como por exemplo, há uma grande exaltação para Guerra dos Farrapos ou Revolução Farroupilha na televisão brasileira e nenhuma, ou quase nenhuma, para a Revolta dos Malês. Aqui caberia até uma análise sobre a escolha de palavras para denominar as duas situações, enquanto uma está amparada pela palavra revolução, a outra está pela palavra revolta.

deveriam ter espaço, tais como os de segurança, incluindo as forças armadas e a polícia. Essa força acaba dando poder às milícias e à chamada "bancada da bala".

Logo, entende-se o porquê de existir no Brasil um tratamento diferente por parte dos policiais para as diferentes classes, podemos citar por exemplo a seguinte frase, que foi proferida por um membro da polícia: “É uma outra realidade. São pessoas diferentes que transitam por lá. A forma dele abordar tem que ser diferente. Se ele [policial] for abordar uma pessoa [na periferia], da mesma forma que ele for abordar uma pessoa aqui nos Jardins [região nobre de São Paulo], ele vai ter dificuldade. Ele não vai ser respeitado”¹³. O tenente-coronel autor da frase deixa explícito que existem dois Brasis: um para a elite, tipicamente branca, e outro para o restante dos brasileiros, negros, pobres, indígenas e periféricos. Se o CEP não é uma área nobre e se sua pele não é branca, a sua probabilidade de morrer aumenta drasticamente. Outro exemplo é que a própria população da classe média alta também age como se estivesse acima da Lei, como o caso do empresário que gritou para os policiais: “Aqui é Alphaville, mano”¹⁴.

Podemos também abordar como o racismo se naturalizou nas manchetes midiáticas brasileiras, como nos casos em que o jovem é negro e a palavra comumente utilizada para sua identificação é a de “traficante”, mas quando o jovem é identificado como branco a palavra comumente utilizada para se referir a ele é a de “jovem”.

Outra parte importante para se comentar da citação da Cida Bento (2015) é que ela também nos alerta em seu texto de que o cerne desse nacionalismo antidemocrático está enraizado no supremacismo branco. Neste sentido, “o nacionalismo é uma política de exclusão que transforma o Outro, frequentemente racializado, no objeto descomunal de ansiedade política”¹⁵ (VALLUVAN, 2020, p. 244), esta citação de Valluvan nos mostra como a natureza do nacionalismo leva à exclusão de grupos considerados diferentes de outros e como isso acontece por meio do processo de radicalização. O outro aqui pode ser qualquer grupo que não pertença ao dominante. No caso do Brasil, durante o governo de Jair

¹³Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/08/24/abordagem-no-jardins-e-na-periferia-tem-de-ser-diferente-diz-novo-comandante-da-rota.htm#:~:text=S%C3%A3o%20pessoas%20diferentes%20que%20transitam,vai%20ser%20respeitado%22%2C%20disse>. Acesso em 24 de julho de 2023.

¹⁴Disponível em; <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/07/20/policial-xingada-por-empresario-em-alphaville-pede-r-100-mil-na-justica.htm>. Acesso em 24 de julho de 2023.

¹⁵ Tradução livre: “nationalism is a politics of exclusion that renders the often racialised Other the outsized object of political anxiety”.

Bolsonaro, o outro eram os pobres, periféricos, negros e indígenas, mulheres e homossexuais, entre outros grupos minoritários.

Neste sentido, o cientista político Max Stephenson em seu texto *Democratic Governance Rests on a Shared Civil Religion*¹⁶, explica que esse movimento também acontece nos Estados Unidos, quando faz uma análise do Partido Republicano e a invasão do capitólio em 2021, falando que o partido precisaria se afastar de uma ideia antidemocrática e de ideias do supremacia branca e do racismo.

Observa-se que mesmo com movimentos sindicais fortes, como Black Lives Matter, não quer dizer que nos Estados Unidos as coisas sejam melhores ou já resolvidas, como o próprio documentário *Rage Against the Machine x The Ummah Chroma – Killing In Thy Name* nos apresenta. Por isso que o documentário também pode ser utilizado como suporte dentro da sala de aula, visto que em seu escopo a música é utilizada como fundo enquanto se discute sobre a questão de ser negro e branco nos EUA e ao longo da história. O vocalista da banda, Zack de La Rocha, faz uma reflexão sobre o seu próprio país:

Viver nos EUA é viver em uma das sociedades mais brutais da história do mundo, sabe? É o país que herdou o genocídio dos povos nativos americanos, um país que participou da escravidão chattel. Qualquer sociedade, governo ou sistema baseado em apenas beneficiar apenas um grupo rico, enquanto a maioria da população padece, sofre e vendo a sua força de trabalho, enquanto o único objetivo real do sistema for o lucro, e não a manutenção e a melhora para a toda a população, suprimindo as necessidades humanas, então essa sociedade não deve existir. Ela deve ser desafiada, questionada e derrubada (Zack de la Rocha em *Rage Against the Machine x The Ummah Chroma – Killing In Thy Name*, 5 min 35s - 6 min 30s)

Compreende-se que existem muitas semelhanças entre o Brasil e os Estados Unidos, no que tange a uma política nacionalista e racista. A violência policial está presente em ambos os países. Posto isso, chega-se ao entendimento de que a música *Killing In The Name*, da banda norte-americana Rage Against the Machine é uma escolha viável para se trabalhar em sala de aula a questão do racismo dentro do Brasil.

¹⁶ Disponível em: <https://ipg.vt.edu/DirectorsCorner/Soundings/Soundings012521.html>. Acesso em 24 de julho de 2023.

4 Sugestão de Proposta didática

Apresenta-se uma proposta de uma sequência didática utilizando a música *Killing in the Name* da banda Rage Against the Machine dentro da disciplina de filosofia. Torna-se importante ressaltar que esta proposta de aula foi aplicada com sucesso em uma turma de 9º ano em uma escola pública no município do Rio de Janeiro, dentro de uma disciplina eletiva. A receptividade e o engajamento dos alunos demonstraram a relevância e a eficácia dessa abordagem interdisciplinar, evidenciando seu potencial de replicação em turmas do ensino médio, especialmente na disciplina de Filosofia. A interseção entre a música e os conceitos filosóficos despertou o interesse dos estudantes, estimulando discussões profundas sobre a posição do indivíduo no mundo, suas interações e reflexões sobre a mensagem contida na faixa *Killing in the name*. A percepção positiva e o envolvimento dos alunos indicam que essa metodologia pode ser aplicada com sucesso em diferentes contextos educacionais, enriquecendo o aprendizado filosófico.

A música *Killing in the Name* poderia ter várias abordagens interessantes para discutir questões sociais, políticas e filosóficas relacionadas à justiça, liberdade, opressão e resistência, e o nosso foco nesta proposta é o racismo. A seguir está uma estrutura dessa aula, baseada no que Velloso (2015) nos explicou que uma aula de filosofia pode ser ministrada por meio dos “Temas ou Questões filosóficas”. O tema a ser debatido, como discutido ao longo deste texto, é o racismo, visto que a filosofia, como supracitado, nos proporciona meios para questionar questões sobre a natureza humana, a sociedade, a moralidade, a política e a justiça, entre outros temas.

Duração: 1 hora

Introdução (10 minutos):

- Este tempo da aula será para apresentar a música *Killing in the Name* e ao mesmo tempo contextualizar a banda Rage Against the Machine como uma banda que é conhecida por abordar em suas letras questões sociais e políticas.

- Depois dessa introdução, devemos partir para o tema do racismo. Como apoio, pode-se levar notícias que evidenciam isso no cotidiano do Brasil, como o caso do casal de negros que foram espancados em um supermercado em BA por serem suspeitos de roubar uma lata de leite em pó¹⁷ em contraponto com uma reportagem de uma mulher branca que desviou

¹⁷ Disponível em; <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2023-05-07/casal-negro-agredido-torturado-segurancas-carrefour.html>. Acesso em 24 de julho de 2023.

quase 1 milhão de reais da formatura e depois voltou a frequentar a universidade normalmente sem repressão da sociedade¹⁸. Estas reportagens servem para destacar como o racismo possui uma persistência na sociedade e os efeitos prejudiciais que causa às pessoas e às comunidades e de como existe um tratamento diferente de acordo com a sua cor de pele. Além disso, pode-se e deve-se fazer uso de referências teóricas nacionais para enriquecer ainda mais a discussão, tais como Silvio Almeida (2018), Sueli Carneiro, Beatriz Nascimento (2018), Carolina Maria de Jesus (2014), Abdias Nascimento (1978), etc.

Análise da Letra (20 minutos):

- Nesta parte se precisa dividir a turma em grupos pequenos e distribuir a letra da música *Killing in the name*. No caso, o interessante é apresentar a letra em duas colunas, uma com a letra original em inglês e a outra com a tradução para a nossa língua materna.

- O segundo passo é abrir espaço para que os grupos analisem a letra e identifiquem como a música aborda questões relacionadas ao racismo e à luta por igualdade racial.

- Incentivar a discutirem o significado de trechos específicos e como eles podem ser aplicados ao combate ao racismo. Abaixo os trechos que podem ser abordados:

“Alguns desses que trabalham nas forças. São os mesmos que queimam cruzes” (no original *Some of those that work forces. Are the same that burn crosses*). Nesta parte pode-se falar da KKK e de como aqueles que trabalham dentro de instituições governamentais, como a polícia, são os mesmos que praticam atos racistas e levam à morte pessoas negras.

“Matando em nome de!” (no original, “*Killing in the name of!*”). Esta parte pode ser analisada pela supressão do complemento nominal. Está matando em nome de quem? Do Estado? Em nome de um deus? Este seria um caminho para começar a falar das várias formas de racismos que existem no Brasil.

“Você justifica aqueles que morreram, por usarem o emblema. Eles eram os brancos escolhidos” (no original, “*You justify those that died by wearing the badge. They're the chosen whites*”). Aqui nesta parte pode-se explicar aos alunos que muitas mortes de pessoas negras, inclusive no Brasil, são justificadas porque foram mortas por policiais. Seria interessante mostrar como está atrelado a isso a propagação de fake news e o descaso de investigações. Um exemplo a ser citado é a do menino Christian, de 13 anos, que foi morto por um policial, enquanto jogava bola, durante operação em Manguinhos, comunidade na

¹⁸Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/03/03/aluna-da-usp-que-desviou-quase-r-1-milhao-de-fundo-de-formatura-destrancou-curso-de-medicina-e-voltou-a-frequentar-a-faculdade.ghtml>. Acesso em 24 de julho de 2023.

Zona Norte do Rio¹⁹. Ou o do jovem de 14 anos chamado Marcos Vinícius da Silva que foi morto durante uma operação policial no Complexo da Maré, no Rio de Janeiro, que teve a sua imagem ligada ao tráfico, o que as investigações provaram não ser verdade²⁰. Poderia-se citar outros exemplos, mas este artigo viraria um obituário, pois exemplos não faltariam.

Discussão em Grupo (20 minutos):

- Nesta parte será realizada uma reunião para que a turma possa debater abertamente sobre as reflexões feitas por cada grupo.

- É importante encorajar os alunos a compartilharem suas perspectivas sobre o tema do racismo, como ele se manifesta na sociedade e quais ações podem ser tomadas para combatê-lo. Nesta parte, o professor precisa trabalhar incentivo e empatia para que a escuta seja ativa e possa criar um ambiente seguro e acolhedor para esta discussão tão sensível.

Conclusão (15 minutos):

- Nesta parte sugere-se encerrar a aula reforçando a importância da música e da arte e de como se pode aprender com ela, principalmente para se combater o racismo e promover a igualdade racial.

- Destacar a responsabilidade individual e coletiva de lutar contra o racismo em todas as suas formas.

Acredita-se que apresentar o tema aos alunos por meio de uma manifestação artística pode ajudar a melhorar o engajamento social deles para que possam se tornar agentes de mudança efetiva na sociedade.

Considerações Finais

Como foi discutido ao longo deste texto, entende-se que a educação é resultado de dinâmicas históricas e formações sociais específicas. Em outras palavras, a educação não é apenas um conceito isolado, que existe no vácuo, e sim um conceito que se molda e se influencia pelas dinâmicas históricas de uma sociedade, por isso que as abordagens educacionais e os métodos pedagógicos são resultados dessas condições históricas e sociais.

¹⁹Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/11/07/mae-que-perdeu-filho-baleado-por-pm-morre-apos-sofrer-com-depressao-por-3-anos-e-sem-ver-fim-da-investigacao.ghtml>. Acesso em 24 de julho de 2023.

²⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/11/07/mae-que-perdeu-filho-baleado-por-pm-morre-apos-sofrer-com-depressao-por-3-anos-e-sem-ver-fim-da-investigacao.ghtml>. Acesso em 24 de julho de 2023.

Ao entender que a educação é o resultado dessa dinâmica, também se entende que determinadas práticas podem ser compreendidas como uma abordagem antirracista quando visam romper com aspectos discriminatórios a uma parcela da população por sua etnia, fruto de determinadas condições históricas e sociais. A educação, nesse contexto, deve não apenas conscientizar, como também combater o racismo.

Contudo, essa meta só poderá ser alcançada mediante a habilidade de pensar por si próprio, cultivando a autonomia mental dos discentes para que estes venham a entender, identificar e desafiar esses aspectos históricos e sociais que perpetuam o racismo e desigualdades sociais dentro da sociedade em que estão inseridos. Assim, é nesse contexto que a permanência da filosofia no currículo da educação básica se torna imprescindível e desempenha um papel fundamental no fomento de um pensamento independente. O objetivo é buscar possibilidades para o ensino de filosofia nesse nível de ensino, visando ao desenvolvimento pleno da autonomia do pensamento do indivíduo (Batista, 2019).

É interessante observar que ao longo da história do Brasil a disciplina de filosofia entrou e saiu do currículo várias vezes e isso não aconteceu sem um motivo. Pode-se citar que um dos motivos é, que principalmente através da disciplina de filosofia, oferecido, tanto para o professor quanto para os alunos, ferramentas conceituais e metodológicas que podem ajudar a criticar as estruturas sociais, históricas e culturais que perpetuam o racismo e a desigualdade dentro do Brasil.

Ao longo do percurso histórico, o racismo tem sido uma sombra que paira sobre a humanidade, e por meio dele se perpetua as desigualdades, injustiças e divisões sociais. O Brasil ainda é um país que precisa enfrentar o racismo diariamente. Por mais que exista uma parcela da população que acredita que o racismo não exista no Brasil, por causa da miscigenação forçada e resultado de violência histórica, o racismo ainda é um dos nossos maiores problemas sociais. Não tem como se esquivar deste problema social, por isso a escola e a disciplina de filosofia desempenham um papel importante neste processo, pois é dentro deste ambiente que o aluno tem a possibilidade de ter contato com diferentes pensamentos e que se começa a pensar sobre formas de enfrentamentos.

Neste sentido, utilizar a música *Killing in the Name* da banda Rage Against the Machine proporciona ao professor levar para a sala de aula um material diferente e até mais próximo dos alunos. Os professores não podem perder de vista que a sala de aula é um lugar plural e que se deve também respeitar o conhecimento de mundo que os próprios discentes

possuem, quando se faz uma aula com música é importante que os alunos também apresentem a sua interpretação para assim poderem gerar futuras mudanças na sociedade.

Referências

- ALMEIDA, S. L. de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ANTUNES, C. L. B. Ritmo e sonoridade na poesia grega antiga: uma tradução comentada de 23 poemas. 136 f. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- BATISTA, R. Possibilidades de contribuição da filosofia para a educação básica. In: PIMENTA, A. R.; PASCHOAL, A. E.; VIESENTEINER, J. L. (Orgs.). **Filosofar e ensinar a filosofar**. São Paulo: ANPOF, p. 239-246, 2019.
- BENTO, C. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BIESDORF, R. K.; WANDSCHEER, M. F. Arte, uma necessidade humana: função social e educativa. **Itinerarius Reflectionis**. Jataí, v.2, n.11, p. 1-11, 2011.
- CHAGAS, E. F. O indivíduo na teoria do Marx. **Revista Dialectus**, ano 1, n.1, p. 1-16. 2012
- GHEDIN, E. **Ensino de filosofia no Ensino Médio**. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2009.
- FEITOSA, C. **Explicando a Filosofia com Arte**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.
- GIANCOLA JR, J. A. Rage from within the machine: protest music, social justice, and educational reform, a collective case study. 134 f (Dissertação de Mestrado). Duquesne University, 2009.
- JESUS, C. M. de, 1914-1977. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo : Ática, 2014
- MANFREDI, S. M. Metodologia de Ensino: diferentes concepções. Campinas/SP: F.E. UNICAMP, Mimeo, 1993, 6p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1974332/mod_resource/content/1/METODOLOGIA-DO-ENSINO-diferentes-concep%C3%A7%C3%B5es.pdf. Acesso em 24 de julho de 2023.
- MERLINO, T. Um Estado que mata pretos, pobres e periféricos. **Ponto de debate**. São Paulo, v. 19, n. 1, p. 1-16, 2018.
- MORAES, J. G. V. de. História e Música: canção popular e conhecimento histórico. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.20, n.39, p. 203-221, 2000.
- NASCIMENTO, B. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual**: Possibilidades nos dias da destruição. Local: Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, A. do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

PALÁCIOS, J. G. A. Ensina-se a filosofar, filosofando. **Philósophos**, n. 12 v. 1, p. 79-90, 2007.

PIEPER, J. **O que é filosofar?** Trad. Francisco de Ambrosis e Pinheiro Machado. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

PRADO Jr., C. **O que é filosofia**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

Rage Against the Machine. (1992). **Killing in the name**. On Rage Against the Machine. [CD]. New York: Epic Associated.

Rage Against the Machine. (2021). **Killing in Thy Name**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5lnTywdoQFw>. Acesso em 15 de agosto de 2023.

ROSE, S. A Proposed Mesopotamian Origin for the Ancient Musical and Musico-Cosmological Systems of the West and China. **Sino-platonic papers**, n 320, v 1, p. 1-189, 2021.

SILVA, J. F. da. Paralelos entre as disciplinas de História e Filosofia: tópicos relacionados ao ensino. **Anais Vozes, Pretérito & Devir**. Ano VIII, Vol. XII, Nº I, p. 313-329, 2021.

STEPHENSON, M. **Democratic Governance Rests on a Shared Civil Religion**. Disponível em: <https://ipg.vt.edu/DirectorsCorner/Soundings/Soundings012521.html>. Acesso em 24 de julho de 2023.

VALLUVAN, S. Nationalism and Racism. In: SOLOMOS, J. (ed.). **Routledge International Handbook of Contemporary Racisms**. London: Routledge, 2020. p. 145 – 151.

VELLOSO, R. **Lecionando filosofia para adolescentes**: práticas pedagógicas para o Ensino Médio. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

VIEIRA, G. O.; BATISTA, R. E. S. Direitos humanos em O Prisioneiro de Erico Verissimo: sobre a pluralidade dos prisioneiros, a crítica sobre as engrenagens e o dilema da tortura. **ANAMORPHOSIS – Revista Internacional de Direito e Literatura**, v. 8, n. 1, p. 1-18, 2022.